

batismo de fogo

saga the witcher / volume v
andrzej sapkowski

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Through these fields of destruction
Baptisms of fire
I've witnessed your suffering
As the battles raged higher
And though they did hurt me so bad
In the fear and alarm
You did not desert me
My brothers in arms...*

Dire Straits, *Brothers in Arms*

CAPÍTULO PRIMEIRO

Foi então que a feiticeira disse ao bruxo: «Eis o meu conselho: calça botas de ferro e pega num bastão de ferro. Vai, com as tuas botas de ferro, até ao fim do mundo tateando o caminho à tua frente com o bastão, molhando a terra com as tuas lágrimas. Vai através do fogo e da água; não pares nem olhes para os lados. E quando as tuas botas e o teu bastão de ferro se desgastarem, quando o vento e o calor secarem os teus olhos de tal maneira que nem uma lágrima sequer consigas verter, eis então que no fim do mundo encontrarás aquilo que buscas e aquilo que amas. Que assim seja.»

E o bruxo atravessou o fogo e a água sem olhar para os lados. No entanto, não calçou as botas nem pegou no bastão de ferro. Levou consigo apenas a sua espada de bruxo. Não deu ouvidos às palavras da feiticeira. Fez bem, pois ela era má profetisa.

Flourens Delannoy, *Contos e lendas*

Entre as árvores ouvia-se o canto dos pássaros. A encosta do leito do riacho estava coberta por uma densa mata de amoras silvestres e bérberis, lugar perfeito para nidificar e encontrar alimento. Portanto, não era de estranhar que as aves abundassem ali. Trinavam obstinados os verdilhões, gorjeavam os pintarroxos e os papa-amoras, ressoava também a cada instante o sonoro pipiar dos tentilhões. *O tentilhão canta sempre que está prestes a chover*, pensou Milva, olhando automaticamente para o céu. Não havia nenhuma nuvem. *Mas o tentilhão canta sempre quando vai chover... Aliás, um pouco de chuva até cairia bem.*

O ponto em frente à entrada do vale era um local propício para a caça. Oferecia grandes oportunidades de capturar boas presas, especialmente ali, em Brokilon, abrigo de muitos animais. As dríades que governavam a maior parte da floresta quase nunca caçavam, e os seres humanos adentravam-na com menos frequência ainda. Ali, o próprio caçador, movido por uma insaciável fome de carne ou cobiçando peles de animais, tornava-se objeto de caça.

As dríades de Brokilon não se apiedavam dos intrusos. Milva sentira isso na própria pele.

De qualquer modo, não faltavam animais em Brokilon. Mesmo assim, Milva estava alerta há mais de duas horas e nada cruzava a sua linha de visão. Não podia movimentar-se muito, pois a estiagem de meses revestira o solo de folhas e galhos secos que crepitavam a cada passo. Sob tais condições, só a absoluta imobilidade resultaria em sucesso.

Uma borboleta vermelha pousou na empunhadura do arco. Milva não a espantou. Ao mesmo tempo que observava a maneira como a borboleta fechava e abria as asas, olhava também para o arco, uma aquisição recente, mas que já lhe proporcionara muita alegria. Arqueira por vocação, amava as boas armas. E aquela, que tinha nas mãos, era a melhor de todas.

Milva tivera muitos arcos na vida. Aprendera a arte de disparar com arcos simples de freixo e teixo, mas trocara-os pelos modelos recurvos utilizados pelas dríades e pelos elfos. Os arcos dos elfos eram mais curtos, leves e flexíveis. Graças à composição laminada da madeira e ao uso de tendões de animais, eram também mais eficientes do que os de teixo. Uma flecha disparada de um desses arcos atingia o alvo num instante e com uma trajetória uniforme, o que eliminava, em grande parte, a possibilidade de ser levada pelo vento. Ao melhor tipo de tais armas, de quatro dobras, os elfos chamavam *zefhar*, pois os limbos e a empunhadura representavam esse símbolo rúnico. Milva usara zefhares ao longo de muitos anos e nem imaginava que pudesse existir um arco que os superasse.

Certo dia, porém, encontrou um. Isso aconteceu, obviamente, no mercado litoral de Cidaris, famoso pela grande oferta de mercadorias exóticas e raras, trazidas por marinheiros dos recantos mais remotos do mundo, de todos os lugares aos quais chegassem galeões e cocas. Sempre que possível, Milva visitava o mercado para ver os arcos ultramarinos. Foi lá que adquiriu o zefhar que, acreditava, usaria por muitos anos, reforçado com chifre de antílope polido, oriundo de Zerricânia. Considerava-o perfeito, mas só por um ano, pois, ao fim desse tempo, no mesmo mercado, na loja do mesmo comerciante, encontrou uma verdadeira joia.

O arco era originário do Extremo Norte. Feito em mogno, tinha uma envergadura de sessenta e duas polegadas, empunhadura equilibrada com precisão e limbos laminados e achatados, construídos em camadas intercaladas de madeira nobre e de ossos e tendões de baleia cozidos. O que o distinguia dos outros arcos expostos no mercado era a estrutura e o preço. E foi justamente o preço que chamou a atenção de Milva. Entretanto, no instante em

que pôs a mão no arco e o testou, pagou, sem hesitar nem regatear, a quantia pedida pelo comerciante. Eram quatrocentas coroas novigradas. Obviamente, naquele momento não dispunha de um valor tão elevado e, para o comprar, decidiu sacrificar o seu zefhar zerricano, um fardo de peles de marta, um medalhão élfico de excelente acabamento e um camafeu de coral incrustado de pérolas de água doce.

Mas não se arrependeu. Nunca. O arco era incrivelmente leve e certo. Apesar de não ser muito longo, cobria, com os seus limbos de madeira, tendões e ossos, uma distância considerável. Provido de corda de linho e veludo armada em encaixes dobrados com precisão, atingia, com um estiramento de vinte e quatro polegadas, uma potência de cinquenta e cinco libras. É verdade que havia arcos que chegavam a oitenta, porém, Milva achava isso um exagero. Uma flecha disparada do seu arco de baleia com potência de cinquenta e cinco libras percorria duzentos pés no tempo entre dois batimentos cardíacos. A uma distância de cem passos, tinha força suficiente para matar num instante não só um cervo, mas também um ser humano sem armadura, atravessando-lhe o corpo. Milva, porém, raramente caçava animais maiores do que um cervo ou seres de armadura pesada.

A borboleta voou. Os tentilhões continuavam a cantar na floresta e Milva permanecia parada sem nenhum alvo à vista. Encostou-se ao tronco de um pinheiro e pôs-se a recordar. Só para passar o tempo.

O seu primeiro encontro com o bruxo fora em julho, duas semanas depois dos acontecimentos na ilha de Thanedd e de a guerra eclodir em Dol Angra. De volta a Brokilon após uma ausência de mais de dez dias, Milva escoltava o que sobrara de um comando de scoi'atael derrotado em Temeria durante uma tentativa de invasão do território de Aedirn, já envolto em guerra. Os *esquilos* queriam juntar-se à revolta organizada pelos elfos em Dol Blathanna. Não tinham conseguido e, se não fosse por ela, estariam mortos. No entanto, encontraram Milva e um refúgio em Brokilon.

Assim que chegou, foi informada de que Aglais a aguardava com urgência em Col Serrai. Estranhou um pouco. Aglais era a chefe das curandeiras de Brokilon e o vale profundo de Col Serrai, cheio de águas quentes e cavernas, um lugar de curas.

Mesmo assim, obedeceu, convencida de que se tratava de um elfo em processo de cura que queria entrar em contacto com o seu comando por

intermédio dela. Contudo, quando viu o bruxo ferido e se apercebeu do motivo de ter sido chamada, ficou furiosa. Saiu da caverna a correr com os cabelos soltos ao vento e descarregou toda a raiva em Aglais.

— Ele viu-me! Viu o meu rosto! Percebe o quanto isso pode ser perigoso?

— Não, não percebo — respondeu a curandeira com frieza. — É Gwynbleidd, o bruxo, um amigo de Brokilon. Está aqui há catorze dias, desde a lua nova. E ficará ainda por algum tempo, até conseguir levantar-se e andar normalmente. Anseia por notícias do mundo; quer saber como estão as pessoas que lhe são próximas. Só tu podes fornecê-las.

— Notícias do mundo? Deve ter enlouquecido, sua bruxa! Sabe o que se passa no mundo, para lá das fronteiras da sua pacata floresta? Em Aedirn impera a guerra! Brugge, Temeria e Redânia transformaram-se num caos, num inferno, e há muitas perseguições! Aqueles que iniciaram a rebelião em Thanedd são procurados por toda a parte! Há espiões e ançivare em todo o lado! Basta deixar escapar uma palavra, abrir a boca na altura errada, para ficar preso num calabouço com o carrasco a apontar um ferro em brasa! E quer que eu me torne espia, a farejar e recolher informações, que eu me arrisque? Por quem? Por um bruxo semimorto? Quem é ele para mim? Meu irmão ou parente, por acaso? Está louca, Aglais!

— Se queres gritar — interrompeu-a a dríade calmamente —, então vamos para a floresta. Ele precisa de tranquilidade.

Milva virou-se para a entrada da caverna na qual pouco antes vira o bruxo ferido. Um homem forte, pensou involuntariamente, apesar de magro como um espeto... Cabeça branca, mas o ventre em forma, como o de um jovem. Percebia-se que era dado ao trabalho, não a toucinho e cerveja.

— Ele esteve em Thanedd — constatou, em vez de perguntar. — Um rebelde.

— Não sei — disse Aglais, indiferente. — Está ferido. Precisa de ajuda. O resto não me interessa.

Milva irritou-se. A curandeira era conhecida pela sua aversão a conversas. No entanto, Milva já ouvira os relatos exaltados das dríades da fronteira oriental de Brokilon. Sabia tudo sobre os acontecimentos de duas semanas antes, sobre a feiticeira de cabelos castanhos que aparecera em Brokilon iluminada pela magia, sobre o homem com o braço e a perna fraturados que revelara ser um bruxo, conhecido pelas dríades como Gwynbleidd, *o Lobo Branco*.

No início, haviam elas relatado, não se sabia o que fazer. O bruxo, banhado em sangue, ora gritava, ora desmaiava. Aglais aplicava curativos

provisórios, praguejava e chorava. Milva não acreditara em tudo: quem já vira uma feiticeira a chorar? E depois chegara a ordem de Duén Canell, daquela que tinha olhos cor de prata, Eithné, a senhora de Brokilon. Dispensar a feiticeira era a ordem da rainha da Floresta das Dríades. E tratar do bruxo.

E assim tratavam dele, como Milva pôde ver. Permanecia deitado na caverna, num buraco cheio de água das fontes mágicas de Brokilon. Os seus membros, imobilizados com talas, estavam cobertos por uma grossa camada da planta trepadeira medicinal conynhael e brotos de confrei-roxo. Os seus cabelos eram brancos como leite. Estava consciente, embora em geral aqueles que eram tratados com conynhael ficassem inconscientes e delirantes, com a magia a falar por eles...

— E então? — A voz fria da curandeira retirou-a do seu devaneio. — Como é que vai ser? O que lhe devo dizer?

— Que vá para o inferno — resmungou Milva, levantando o pesado cinto, do qual pendiam um saco de viagem e um punhal de caça. — E você, Aglais, vá também para o inferno.

— Como queiras. Não posso obrigar-te a nada.

— Tem razão. Não pode.

Milva foi entrando pela floresta, por entre os escassos pinheiros, sem olhar para trás. Sentia-se enfurecida.

Sabia de tudo o que acontecera durante a primeira lua nova de julho em Thanedd. Os scoia'tael não paravam de falar do assunto. Houve uma rebelião durante uma reunião dos feiticeiros na ilha, correu sangue, cabeças rolaram. O exército de Nilfgaard, como um sinal, atacou Aedirn e Lyria. A guerra eclodiu. Em Temeria, Redânia e Kaedwen, os *esquilos* tornaram-se o alvo principal. Primeiro, porque a ordem dos scoia'tael supostamente foi auxiliar os feiticeiros rebeldes. Segundo, porque supostamente algum elfo, ou meio-elfo, apunhalou e assassinou Vizimir, rei da Redânia. Em consequência disso, os humanos, enraivecidos, atacaram os *esquilos*. Tudo fervia, fazendo correr o sangue dos elfos como um rio...

Então, pensou Milva, será verdade o que os sacerdotes contam, que se aproxima o fim do mundo e o dia do Juízo Final? O mundo foi tomado pelo fogo, os humanos viraram-se contra os elfos e até contra os próprios humanos em guerras fratricidas. E o bruxo intrometeu-se na política e aderiu à rebelião. Um bruxo cuja missão é correr o mundo e matar os monstros que ameaçam os humanos! Há séculos que nenhum bruxo se envolve em política ou em guerra. Há uma lenda sobre um rei louco que levava água numa peneira, queria uma lebre por mensageiro e transformava um bruxo em paladino. E aí está, um

bruxo magoado numa rebelião contra os reis, a fugir da sua sentença, escondido em Brokilon. Definitivamente, é o fim do mundo!

— Sê bem-vinda, Maria.

Estremeceu. A dríade de baixa estatura encostada a um pinheiro tinha olhos e cabelos cor de prata. O sol poente envolvia a sua cabeça numa auréola contra o fundo da multicolorida floresta. Milva ajoelhou-se sobre uma perna e prestou reverência, inclinando a cabeça.

— Saudações, senhora Eithné.

A senhora de Brokilon enfiou uma faca de ouro com formato de foice atrás do cinto de tecido vegetal.

— Levanta-te — ordenou. — Vamos dar uma volta. Quero falar contigo.

Caminharam demoradamente juntas pela floresta repleta de sombras, a pequena dríade de cabelos cor de prata e a rapariga alta de cabelos cor de linho. Por fim, uma delas quebrou o silêncio:

— Há muito que não vens visitar Duén Canell, Maria.

— Não tinha tempo, senhora Eithné. Do Wstazka a Duén Canell, o caminho é longo, e a senhora sabe que eu...

— Eu sei. Estás cansada?

— Os elfos precisam de ajuda. Foi a senhora que me mandou auxiliá-los.

— Foi um pedido meu.

— Sim, um pedido seu.

— Assim sendo, tenho mais um.

— Foi o que me pareceu. O bruxo?

— Ajuda-o.

Milva parou e virou-se com um movimento brusco, partindo um galho de madressilva que atrapalhava o caminho. Esmagou-o entre os dedos e atirou-o bruscamente ao chão.

— Há seis meses — disse, baixinho, olhando para os olhos cor de prata da dríade — que arrisco a minha vida a escoltar os elfos desde os comandos derrotados até Brokilon... Depois de descansarem e tratarem dos ferimentos, de imediato os levo de volta... Isso é pouco? Ainda não fiz o suficiente? A cada lua nova volto para o trilho na noite escura. Chego a temer o Sol, como se eu fosse um morcego ou um mocho...

— Ninguém conhece melhor os trilhos da floresta do que tu.

— Na floresta não vou saber de nada. O bruxo quer, supostamente, que eu recolha informações, que ande entre os humanos. É um rebelde; os ançivare ficam atentos quando ouvem o seu nome. Além disso, não posso aparecer sozinha nas cidades. E se alguém me reconhecer? A lembrança daquilo

ainda está viva, aquele sangue ainda não secou... Muito sangue foi derramado naquele período, senhora Eithné.

— Não foi pouco. — Os olhos cor de prata da velha dríade estavam ausentes, frios, inescrutáveis. — Não foi pouco, é verdade.

— Se me reconhecerem, vão empalar-me.

— És prudente. És cautelosa e consegues manter-te alerta.

— Para recolher as informações que o bruxo pede, eu teria de deixar a prudência de lado. É preciso perguntar, e mostrar curiosidade é perigoso. Se me apanharem...

— Tens contactos.

— Vão torturar-me. Vão matar-me. Ou deixam-me a apodrecer em Drakenborg...

— Tens uma dívida para comigo.

Milva rodou a cabeça e mordeu os lábios.

— Tenho, sim — respondeu com amargura. — Não me esqueci disso.

Fechou os olhos. De repente, o seu rosto contraiu-se, os lábios ficaram trémulos, a mandíbula tensa. Sob as pálpebras surgiu a lembrança daquela noite, com o brilho pálido e assombroso da Lua. Num instante, sentiu de novo a dor no tornozelo, preso por um cinto de couro na emboscada, assim como a dor nas articulações, dilaceradas pelos violentos puxões. Os ouvidos foram sendo invadidos pelo farfalhar das folhas, provocado pela súbita movimentação de vaivém da árvore. Gritos, gemidos, uma luta selvagem, louca e assustadora, seguida da horrível sensação de medo que a invadiu quando se apercebeu de que não conseguiria libertar-se... Gritos e pavor, a corda a estalar, as sombras a flutuar, o chão distorcido, fora do normal, invertido, o céu invertido, as árvores com as copas invertidas, dor, sangue a pulsar nas têmporas... E, de madrugada, as dríades a formar um círculo, como uma grinalda... Um riso prateado distante... Um fantoche pendurado numa corda! «Balança, balança, marioneta, com a cabecinha para baixo...» E o seu próprio grito, estranho, horripilante. E, depois, a escuridão.

— É verdade, tenho uma dívida — repetiu entre dentes —, pois estava pendurada e fui salva da corda. Vejo que não pagarei essa dívida enquanto viver.

— Cada um de nós tem alguma dívida — replicou Eithné. — Assim é a vida, Maria Barring. Dívidas e fianças, obrigações, gratidão, pagamentos... Fazer algo por outrem. Ou, quem sabe, por si próprio? Porque, na verdade, pagamos sempre a nós mesmos, e não aos outros. Todas as dívidas que contraímos, somos nós que as pagamos. Cada um de nós carrega em si um

fiador e um devedor. A questão passa por acertar as contas dentro de nós. Chegamos a este mundo como um grão de vida que nos foi dada, depois contraímos dívidas e pagamo-las. A nós mesmos. Para que, no final, as contas batam certo.

— Considera o bruxo alguém próximo de si, senhora Eithné?

— Considero, sim, embora ele próprio não o saiba. Volta a Col Serrai, Maria Barring. Vai até junto dele. Faz o que ele pedir.

O crepitar de folhas secas encheu o vale, um galho estalou. Soou o alto e raivoso grasnar do corvo, os tentilhões levantaram voo, fazendo lampejar as retrizes brancas. Milva susteve a respiração. *Até que enfim*, pensou.

«Crá-crá», grasnou o corvo. «Crá-crá-crá.» Estalou outro galho.

Milva ajeitou, no braço esquerdo, o velho protetor de couro, polido de tão desgastado, e pôs o punho no laço preso à empunhadura. Retirou uma flecha da aljava achatada que carregava na coxa. Inconscientemente, como de costume, verificou o estado da ponta e da empenagem. Comprava as hastes em mercados, escolhendo, em geral, uma das dez que lhe ofereciam, mas ela própria as emplumava, invariavelmente. A maioria das flechas prontas que havia disponíveis tinha as rémiges demasiado curtas, montadas em linha reta na haste, enquanto Milva usava apenas flechas empenadas de forma helicoidal, com rémiges acima de cinco polegadas.

Posicionou a flecha na corda e mirou a entrada do vale e o contorno esverdeado da bérberis localizada entre dois troncos, carregada de bagas de frutos vermelhos.

Os tentilhões não se afastaram muito e de imediato retomaram o chilrear. *Anda daí, pequena corça*, pensou Milva, levantando e empinando o arco. *Anda. Estou pronta.*

No entanto, a corça desviou o caminho pela encosta, em direção ao pântano e às fontes que abasteciam os riachos que desaguavam no Wstazka. Outra corça surgiu saída do vale. Bonita, devia pesar à volta de vinte quilos. Levantou a cabeça, mexeu as orelhas, virou-se para os arbustos e arrancou algumas folhas.

Estava bem posicionada... de costas. Se não fosse pelo tronco que bloqueava o alvo, Milva dispararia sem pensar. Se acertasse no ventre, a ponta da flecha atravessaria o corpo e atingiria o coração, o fígado e os pulmões. Acertando na coxa, cortaria uma artéria, e o animal morreria em pouco tempo. Esperou com a corda estirada.

A corça ergueu de novo a cabeça, avançou um passo, saiu de trás do tronco e de repente deu meia-volta, posicionando-se de frente. Milva, mantendo a flecha e a corda na posição de tensão, praguejou baixinho. Disparar de frente era arriscado. Em vez de acertar no pulmão, a ponta da seta poderia atingir o estômago. Aguardou, contendo a respiração, sentindo o gosto salgado da corda no canto da boca. Essa era mais uma qualidade importantíssima, inestimável, do seu arco, pois, se usasse uma arma mais pesada ou de qualidade inferior, não conseguiria sustê-la durante tanto tempo estirada sem cansar a mão, comprometendo a precisão do disparo.

Por sorte, a corça baixou a cabeça, mordiscou algumas ervas que cresciam entre o musgo e virou-se para o lado. Milva respirou de alívio, mirou o alvo e delicadamente soltou a corda.

Entretanto, não ouviu o estalo da costela fraturada pela ponta da flecha. A corça saltou, escoiceou e desapareceu, acompanhada do crepitar de galhos secos pisoteados e do farfalhar de folhas remexidas.

Milva permaneceu imóvel durante alguns batimentos do seu coração, petrificada como uma estátua de mármore de uma deusa da floresta. Só depois de tudo ficar em silêncio é que tirou a mão direita da face e baixou o arco. Vasculhando na memória o caminho de fuga do animal, sentou-se, tranquila, e encostou-se ao tronco. Caçadora experiente, explorava as florestas senhoris desde criança. Matara a primeira corça quando tinha onze anos e o primeiro cervo com galhos de catorze pontas — considerado pelos caçadores um raríssimo bom agoiro — no dia do seu décimo quarto aniversário. E a experiência ensinara-a a nunca ter pressa em perseguir o animal abatido. Se tivesse acertado no alvo em cheio, a corça deveria ter caído morta a menos de duzentos passos da entrada do vale. Se não tivesse — o que lhe parecia pouco provável —, a pressa só pioraria as coisas. Um animal com uma flecha atravessada no corpo, deixado em paz, fugiria descontroladamente, mas depois diminuiria a velocidade. Um animal perseguido e assustado correria de modo desenfreado e só pararia quando estivesse fora de alcance.

Tinha, então, pelo menos meia hora. Arrancou erva e mordeu-a com os dentes. Ficou pensativa. As lembranças surgiram de novo.

Quando Milva regressou a Brokilon ao fim de doze dias, o bruxo já conseguia andar. Coxeava um pouco e arrastava levemente a anca, mas já caminhava. Milva não se surpreendeu. Sabia das propriedades mágicas e curativas da água da floresta e da erva conynhael, conhecia as capacidades de Aglais, pois várias

vezes testemunhara a cura instantânea das dríades feridas, e parecia-lhe que os boatos sobre a força e a resistência dos bruxos eram verdadeiros.

Depois da sua chegada, demorou a ir a Col Serrai, apesar de as dríades dizerem que Gwynbleidd estava ansioso por vê-la. Agiu assim de propósito, ainda descontente com a missão que lhe fora atribuída. Queria, com isso, demonstrar a sua irritação.

Primeiro, escoltou ao acampamento os elfos do comando dos *esquilos* que se encontravam com ela. Então, relatou com detalhe os acontecimentos ocorridos pelo caminho, avisou as dríades do bloqueio de fronteira montado pelos humanos no Wstazka e, só depois de ser advertida pela terceira vez, tomou banho, trocou de roupa e foi visitar o bruxo.

Ele aguardava-a na ponta da clareira, no lugar onde cresciam os cedros. Caminhava, de vez em quando sentava-se, e endireitava as costas com agilidade. Pelos vistos, Aglais recomendara que se exercitasse.

— Que notícias trazes? — perguntou ele logo depois de a cumprimentar, mas ela não se deixou enganar pela frieza da sua voz.

— A guerra parece estar a chegar ao fim — respondeu, encolhendo os ombros. — Dizem que Nilfgaard aniquilou Lyria e Aedirn. Verden entregou-se, e o rei de Temeria fez um acordo com o imperador nilfgardiano. Os elfos no vale das Flores proclamaram o próprio reino, pois os scoia'tael de Temeria e da Redânia não chegaram lá. Continuam a lutar.

— Não era isso que eu queria saber.

— Não? — Milva fez-se de surpreendida. — Ah, claro. Passei por Dorian, como me pediste, apesar de ter de me desviar do meu caminho. São perigosas, aquelas bandas...

Interrompeu-se, demoradamente. Desta vez, ele não a apressou.

— O tal Codrigher — perguntou ela por fim —, que pediste que eu visitasse, era teu amigo?

O rosto do bruxo manteve-se impassível, mas Milva sabia que ele percebera à primeira.

— Não, não era.

— Ainda bem — continuou, descontraída —, pois ele já não está entre os vivos. Morreu no incêndio que lhe assolou a casa, da qual restaram apenas a chaminé e metade da parede da frente. Boatos correm soltos em toda a Dorian. Uns dizem que o tal Codrigher era bruxo e produzia poções mágicas; outros, que tinha feito um pacto com o Diabo e foi então consumido pelo fogo de Satanás. Há também quem diga que enfiou o nariz e os dedos no lugar errado, como era seu hábito. Alguém não gostou disso e pura

e simplesmente matou-o e incendiou-lhe a casa para não deixar vestígios. E tu, o que pensas disso?

A sua pergunta foi ignorada, não despertando uma emoção sequer no rosto pálido. Continuou então, com o mesmo tom malicioso e arrogante:

— O interessante é que esse incêndio e a morte do tal Codringher ocorreram na primeira lua nova de julho, em simultâneo com o tumulto na ilha de Thanedd. Exatamente como se alguém suspeitasse que o Codringher sabia algo sobre o motim e que lhe iam perguntar os detalhes. Como se alguém tentasse calar-lhe a boca para sempre, silenciar-lhe a língua. O que me dizes sobre isso? Ah! Estou a ver que não vais dizer nada. Estás calado! Então, eu é que vou dizer-te uma coisa: o que fazes é perigoso, essa espionagem e esse interrogatório. Talvez alguém queira calar outras bocas e fechar outros ouvidos além dos do Codringher. É o que penso.

— Perdoa-me — disse o bruxo, após um momento. — Tens razão. Expus-te ao perigo. Foi uma tarefa demasiado arriscada para...

— Para uma mulher, não é? — Milva abanou a cabeça e, com um movimento brusco, arremessou dos ombros os cabelos ainda molhados. — É o que queres dizer? Quem diria, um cavalheiro! Não te esqueças de uma coisa: apesar de eu ter de me pôr de cócoras para urinar, o meu casaco não é de pele de lebre, mas sim de lobo! Não me pintes de cobarde, já que não me conheces!

— Conheço — sussurrou ele com calma, não reagindo à sua raiva e voz exaltada. — És a Milva, que escolta os *esquilos* até Brokilon, livrando-os das ciladas. Conheço a tua valentia. Mas foi egoísmo e imprudência da minha parte expor-te ao perigo...

— Imbecil! — interrompeu-o ela, com ímpeto. — Preocupa-te contigo, não comigo. Preocupa-te com a miúda!

Sorriu com sarcasmo, porque desta vez a expressão no rosto dele mudou. Permaneceu propositadamente calada, esperando as perguntas.

— O que é que sabes? — perguntou o bruxo, por fim. — E quem te deu as informações?

— Tinhas o teu Codringher — bufou Milva, levantando a cabeça com orgulho —, eu tenho os meus conhecidos, com os olhos atentos e os ouvidos aticados.

— Por favor, fala, Milva.

— Após o alvoroço em Thanedd — começou ela, ao fim de um momento —, o tumulto espalhou-se por toda a parte. A caça aos traidores teve início, especialmente aos bruxos que apoiavam Nilfgaard, assim como também aos corruptos. Alguns foram apanhados. Outros desapareceram sem deixar

rasto. Não é preciso ser muito inteligente para adivinhar para onde fugiram, sob a proteção de quem. Mas a caça não se dirigiu apenas aos bruxos e traidores. Em Thanedd, os bruxos rebeldes receberam a ajuda dos *esquilos*, liderados pelo famoso Faolitiarna. Andam à procura dele. Foi dada ordem para que cada elfo capturado seja torturado e interrogado sobre o comando de Faolitiarna.

— Quem é esse Faolitiarna?

— É um elfo, um scoia'tael. Conseguiu enervar os humanos como poucos. Foi oferecida uma grande quantia pela sua cabeça. Mas não estão apenas à procura dele. Há também um cavalheiro nilfgardiano que esteve em Thanedd e...

— Diz.

— Os ançivare perguntam por um bruxo chamado Geralt de Rívia e por uma rapariga chamada Cirilla. A ordem é que capturem os dois vivos. Nada pode acontecer-lhes, nem um cabelo sequer pode ser-lhes arrancado. Ah! Elas devem estimá-lo muito, já que cuidam tanto da saúde dele...

Interrompeu-se ao ver a expressão no rosto do bruxo, que de repente perdeu toda a calma sobre-humana. Percebeu que, por mais que tentasse, não conseguiria assustá-lo. Pelo menos, não quando se tratava de temer pela própria pele. Para sua surpresa, sentiu-se envergonhada.

— Bem, quanto à perseguição, não vale nem o teu menor esforço — disse com mais delicadeza, porém, ainda com um traço de sarcasmo nos lábios. — Estás seguro em Brokilon. Aliás, também não conseguirão capturar a miúda viva. Quando escavaram os escombros daquela torre mágica que desabou em Thanedd... Ei, o que é que tens?

O bruxo cambaleou, apoiou-se no cedro e sentou-se com dificuldade ao pé do tronco. Milva afastou-se, assustada com a palidez que subitamente lhe cobriu o rosto.

— Aglais! Sirssa! Fauve! Venham cá, depressa! Caramba, parece que vai morrer! Ei, tu!

De repente, Milva percebeu.

— Não encontraram nada nos escombros! — gritou, sentindo que empalidecia também. — Nada! Mesmo que tenham verificado todas as pedras e lançado feitiços, não encontraram nada...

Limçou o suor da testa e deteve com um gesto as dríades que chegavam para a ajudar. Apoiou as mãos nos ombros do bruxo, ainda sentado, e debruçou-se sobre ele, de maneira a que os seus longos cabelos claros lhe cobrissem o rosto pálido.

— Percebeste mal — disse rapidamente, sem nexo, com dificuldade em escolher as palavras entre as inúmeras que lhe surgiam na mente. — Só queria dizer... que me percebeste mal. Porque eu... Como é que poderia saber que tu...? Não era essa a minha vontade. Só queria dizer que a miúda, que não vão encontrá-la, porque ela desapareceu, como aqueles bruxos... Perdoa-me.

O bruxo não respondeu; olhava para o lado. Milva mordeu os lábios e cerrou os punhos.

— Daqui a três dias vou partir de Brokilon — continuou ela com delicadeza, depois de um longo, muito longo, silêncio. — Quando a Lua começar a diminuir e as noites se tornarem um pouco mais escuras. Devo voltar em dez dias, talvez antes. Logo depois de Lammas, nos primeiros dias de agosto. Não te aflijas. Vou mover céus e terra para obter as informações. Se alguém souber algo sobre essa rapariga, também saberás.

— Obrigado, Milva.

— Vejo-te daqui a dez dias... Gwynbleidd.

— Chamo-me Geralt. — O bruxo estendeu-lhe a mão.

Ela apertou-a espontaneamente, com muita força.

— Chamo-me Maria Barring.

Com um aceno de cabeça e uma leve sombra de sorriso, ele agradeceu a sinceridade. Ela sabia que o bruxo a reconhecera.

— Tem cuidado, por favor. Presta atenção a quem perguntas.

— Não te preocupes comigo.

— Confias nos teus informadores?

— Não confio em ninguém.

— O bruxo está entre as dríades em Brokilon.

— Suspeitei que estivesse lá. — Dijkstra cruzou os braços sobre o peito.

— Ainda bem que essa informação se confirmou...

Permaneceu por momentos em silêncio. Lennep lambeu os lábios e esperou.

— Ainda bem que essa informação se confirmou... — repetiu o chefe dos serviços secretos do Reino da Redânia, pensativo, como se falasse consigo mesmo. — É sempre melhor ter a certeza. Ah, se a Yennefer estiver com ele... Por acaso, a feiticeira não está com ele, Lennep?

— Como? — O espião estremeceu. — Não, meu senhor. Não está. Qual é a sua ordem? Se o senhor o quiser vivo, farei com que saia de Brokilon. Mas caso prefira vê-lo morto...

— Lennep. — Dijkstra direcionou os frios olhos azuis-claros para o agente. — Não seja inoportuno. Na nossa profissão, a intromissão não é bem-vista. Desperta sempre suspeitas.

— Senhor — Lennep empalideceu levemente —, eu apenas...

— Eu sei. Só quis receber as ordens. Ordeno então: deixe o bruxo em paz.

— Sim, senhor. E a Milva?

— Deixe-a em paz, também. Pelo menos, por enquanto.

— Sim, senhor. Posso retirar-me?

— Pode.

O agente saiu da câmara, fechando com cuidado a porta de carvalho. Dijkstra manteve-se calado por um longo período, olhando para os mapas, cartas, denúncias, protocolos de inquérito e sentenças de morte empilhados na mesa.

— Ori.

O secretário levantou a cabeça e pigarreou. Ficou em silêncio.

— O bruxo está em Brokilon.

Ori Reuven pigarreou de novo, olhando involuntariamente para debaixo da mesa, na direção das pernas do seu chefe. Dijkstra percebeu o olhar.

— Está certo. Não vou perdoá-lo pelo que fez — resmungou. — Por culpa dele, não pude andar durante duas semanas. Fui humilhado diante da Filippa. Tive de uivar como um cachorro e implorar-lhe que aplicasse em mim um daqueles malditos rituais mágicos. Se não fosse por ela, estaria a mancar até hoje. Bem, a culpa foi minha, eu subestimei-o. O pior é que não posso desferrar-me agora, apanhar esse filho da mãe! Não tenho tempo nem posso usar os meus criados para resolver questões privadas! Ori, não é verdade que não posso?

— Uhum, uhum...

— Não pigarreie. Eu sei. Merda, como o poder seduz e instiga quem o detém a ser usado! Como é fácil esquecer! Mas, quando alguém esquece uma vez, já era... Filippa Eilhart ainda está em Montecalvo?

— Está, sim.

— Pegue na pena e no tinteiro. Vou ditar-lhe uma carta para ela. Escreva... Que diabo, não consigo concentrar-me. Que gritaria é essa, Ori? O que se passa na praça?

— Os estudantes estão a atirar pedras à residência do deputado nilfgaardiano. Pelo que eu me lembro... uhum, uhum... nós pagámos-lhes para isso.

— Ah, tudo bem. Feche a janela. Que amanhã façam o mesmo com a filial do banco do anão Giancardi. Ele recusou-se a revelar as contas.

— Giancardi... uhum, uhum... doou uma grande quantia para o fundo de guerra.

— Então, que atirem pedras aos bancos que não doaram nada.

— Todos doaram.

— Você é chato, hein? Vá anotando. «Querida Fil, sol dos meus...» Merda, esqueço-me sempre. Pegue noutra folha. Está pronto?

— Sim, senhor... uhum, uhum...

— «Cara Filippa. A senhora Triss Merigold provavelmente está preocupada com o bruxo que foi teleportado por ela de Thanedd para Brokilon, mantendo isso em segredo profundo, até de mim, o que me magoou muito. Tranquelize-a, pois o bruxo está bem. Tanto que mandou uma mensageira atrás de pistas da princesa Cirilla, essa criatura por quem se interessa tanto. O nosso amigo Geralt obviamente não sabe que a Cirilla está em Nilfgaard, onde se prepara para o seu casamento com o imperador Emhyr. Estou particularmente interessado em que o bruxo permaneça sossegado em Brokilon, por isso vou fazer de tudo para que ele receba esta notícia.» Anotou?

— Uhum, uhum... «... para que ele receba esta notícia...»

— Novo parágrafo. «Fico a pensar...» Merda, Ori, limpe a pena! Estamos a escrever à Filippa, e não ao conselho real. A carta tem de ter bom aspeto! Novo parágrafo. «Fico a pensar por que razão o bruxo não tenta entrar em contacto com a Yennefer. Não acredito que esse afeto quase obsessivo se tenha desvanecido de maneira tão brusca, independentemente da orientação política da sua amada. Por outro lado, se fosse a Yennefer quem entregou a Cirilla a Emhyr e se existissem provas disso, faria de tudo para que o bruxo as recebesse nas próprias mãos. Tenho a certeza de que o problema se resolveria por si e essa linda traidora de cabelos pretos correria risco de morte. O bruxo não gosta quando alguém mexe com a sua amada. Artaud Terranova percebeu isso em Thanedd. Gostaria de acreditar, Fil, que não tem provas da traição da Yennefer e não sabe onde ela se esconde. Ficaria muito magoado se descobrisse que há mais um segredo escondido de mim. Eu não tenho segredos para si...» Do que se ri, Ori?

— De nada... uhum, uhum...

— Vá anotando! «Eu não tenho segredos para si, Fil, e espero o mesmo em troca. Respeitosamente...», etc., etc. Dê-me a carta, tenho de a assinar.

Ori Reuven cobriu a carta com areia. Dijkstra ajeitou-se na cadeira e assentou as mãos na barriga, entrecruzando os dedos e mexendo os polegares em movimentos circulares.

— Essa Milva que o bruxo envia como espia — perguntou de repente. — O que me pode dizer sobre ela?

— Ela escolta até Brokilon... uhum, uhum... — o secretário pigarreou — os grupos de scoia'tael derrotados pelo exército temeriano. Livra os elfos das ciladas e embustes e leva-os a descansar para que depois se reagrupem em comandos militares...

— Não me passe informações do conhecimento geral — interrompeu-o Dijkstra. — Tenho conhecimentos sobre a atuação dela; aliás, planeio usá-los. Se não fosse por isso, há muito que teria entregado a Milva aos temerianos. O que tem a dizer-me sobre ela própria, em termos pessoais?

— Acho que vem de um pequeno lugarejo no Alto Sodden. O seu verdadeiro nome é Maria Barring. Milva é uma alcunha que as dríades lhe deram. Na Língua Antiga significa...

— Milhafre — completou Dijkstra. — Eu sei.

— Vem de uma família de caçadores. Gente da floresta, que conhece todos os segredos da mesma. Quando o velho Barring perdeu o filho destroçado por um alce, ensinou a arte da floresta à filha. Pouco depois de ele morrer, a mãe casou-se de novo... uhum, uhum... A Maria não se dava bem com o padrasto e fugiu de casa. Acho que tinha cerca de dezasseis anos naquela época. Seguiu rumo ao Norte, sobrevivendo da caça. No entanto, os guardas-florestais dos barões não a deixavam em paz, seguindo-lhe o rasto e perseguindo-a como a um animal. Então, começou a caçar em Brokilon, e foi lá... uhum, uhum... que as dríades a apanharam.

— E, em vez de a matarem, acolheram-na — resmungou Dijkstra. — Consideraram-na uma delas... E ela retribuiu a dádiva. Fez um pacto com a velha Eithné dos olhos cor de prata, a bruxa de Brokilon. Maria Barring está morta; viva Milva... Quantas expedições conseguiu organizar antes que as forças de Verden e Kerack se unissem? Três?

— Uhum, uhum... Acho que quatro... — Ori Reuven nunca tinha a certeza de nada, mesmo tendo ótima memória. — Havia no total por volta de cem homens, ávidos pela caça às mamunas. Demoraram muito até se aperceberem do que ela fazia. A Milva de vez em quando retirava alguém da chacina, transportando-o nas próprias costas, e o sobrevivente louvava a sua valentia. Acho que foi só na quarta vez, em Verden, que alguém abriu os olhos. Como é possível, gritaram do nada... uhum, uhum... que uma guia que chama os humanos para caçarem as mamunas escape sempre ilesa? E foi então que viram que ela os guiava, mas para uma armadilha, na direção das flechas lançadas pelas dríades...

Dijkstra afastou para o lado da escrivadinha um protocolo de inquérito, por sentir que o pergaminho ainda detinha o odor da sala de torturas.

— Foi então — continuou, pensativo — que a Milva desapareceu em Brokilon como um sonho de ouro. Mas até hoje é difícil encontrar voluntários para as expedições de caça às dríades. A velha Eithné e a jovem Kânia fizeram uma boa seleção. E elas ainda têm a coragem de dizer que a provocação é invenção dos humanos. Ou talvez...

— Uhum, uhum... — pigarreou Ori Reuven, surpreso pela frase interrompida e pelo silêncio prolongado do chefe.

— Ou talvez agora tenham começado a aprender conosco — terminou o espião friamente, olhando para as denúncias, os protocolos de inquérito e as sentenças de morte.

Milva ficou preocupada por não avistar sangue. De repente, lembrou-se de que a corça dera um passo no momento em que ela lançara a flecha. Dera ou quisera dar, tanto fazia. Mexera-se e a flecha poderia ter-lhe acertado na barriga. Milva praguejou. Tiro no ventre... maldição e vergonha para um caçador! Que azar! Cuspiu duas vezes. Sinal de mau agouro.

Correu rapidamente para a encosta do vale olhando com atenção por entre as amoreiras, os musgos e os fetos. Procurava a flecha. Com quatro lâminas tão afiadas que cortavam os pelos do antebraço, lançada a uma distância de cinquenta passos, era impossível não ter atravessado o corpo da corça.

Avistou a seta, avançou até junto dela e respirou de alívio. Cuspiu três vezes, feliz com a sorte. Não deveria ter-se preocupado; fora melhor do que havia pensado. A flecha não estava envolvida pelo conteúdo pegajoso e fedorento do estômago. Não tinha vestígios da substância rosa e espumosa dos pulmões. A haste estava coberta de sangue vermelho-escuro intenso. A ponta da flecha atravessara o coração. Milva não precisaria de rastejar nem de se deslocar furtivamente; não a esperava uma longa marcha à procura do rasto de sangue deixado pela corça, que sem dúvida estava morta em algum ponto da mata, a menos de cem passos da clareira, no lugar onde o sangue o indicasse. Sabia que o animal, atingido no coração, após alguns saltos, começara a sangrar, e ela encontrá-lo-ia com facilidade.

Depois de dez passos, deu com o rasto e seguiu-o, novamente tomada por pensamentos e lembranças.

...

Cumpriu a palavra dada ao bruxo. Voltou a Brokilon, antes mesmo do prazo prometido, cinco dias depois da Festa da Colheita, cinco dias depois da lua nova que, para os humanos, dava início ao mês de agosto e, para os elfos, ao Lammas, o sétimo e penúltimo savaed do ano.

Atravessou o Wstazka ao alvorecer, ela e cinco elfos. O comando que escoltava contava, a princípio, nove cavaleiros. No entanto, os soldados de Brugge tinham seguido sempre os seus passos e, aproximadamente a oito milhas do rio, cercaram-nos, desistindo apenas da investida quando se aproximaram do Wstazka e viram Brokilon a surgir na margem direita, através da bruma da alvorada. Os soldados temiam Brokilon. Foi justamente isso que os salvou. Cruzaram o rio, esgotados e feridos, mas nem todos.

Milva trazia notícias para o bruxo, mas achava que ele estava ainda em Col Serrai. Planeava visitá-lo só por volta do meio-dia, depois de repousar o suficiente. Ficou surpresa quando Gwynbleidd surgiu da névoa, como um fantasma. Sem pronunciar uma palavra sequer, ele sentou-se ao seu lado, observando-a a montar o leito com uma manta sobre uma pilha de galhos.

— Estás com pressa — disse ela, com sarcasmo. — Bruxo, estou esgotada. Passei o dia e a noite na sela, não sinto as ancas. Fiquei encharcada até aos ossos, pois de madrugada, como se fôssemos lobos, tivemos de atravessar a mata que cresce na margem do rio...

— Por favor, diz-me: descobriste alguma coisa?

— Descobri, sim. — Milva resfolegou enquanto desamarrava e tirava os sapatos ensopados. — E sem dificuldade, pois o assunto anda no ar. Não me disseste que essa tua miúda é uma pessoa tão distinta! Pensei que fosse apenas uma enteada, uma coitadinha, uma órfã desfavorecida pelo destino. E aí está: uma princesa cintrense! Ah! Será que também és um príncipe disfarçado?

— Conta-me, por favor.

— Os reis não vão conseguir apanhá-la, pois essa tua Cirilla, ao que parece, fugiu de Thanedd diretamente para Nilfgaard, provavelmente com aqueles feiticeiros traidores. Em Nilfgaard, o imperador Emhyr recebeu-a com pompa. E sabes que mais? Parece que está a pensar casar com ela. Mas agora deixa-me descansar. Se quiseres, conversaremos depois de dormir um pouco.

O bruxo permaneceu em silêncio. Milva estendeu as ligaduras molhadas num ramo bifurcado para que o sol nascente as secasse e puxou com força a fivela do cinto.

— Quero tirar a roupa — resmungou. — O que ainda fazes aqui? Não contavas com boas notícias? Já não há perigo, já ninguém pergunta por ti, os

espiões deixaram de te procurar. E a tua miúda conseguiu escapar aos reis, vai ser imperatriz...

— É uma informação segura?

— Nada é certo — Milva bocejou e sentou-se no leito —, a não ser que, dia após dia, o Sol percorre o céu de leste para oeste. Mas deve ser verdade o que dizem sobre o imperador nilfgardiano e a princesa de Cintra. Não se fala noutra coisa.

— Porquê esse súbito interesse?

— Não sabes? No dote, ela vai conceder a Emhyr boas porções de terra! Não só de Cintra, mas também deste lado do Jaruga. Ah! Vai ser a minha soberana, pois sou do Alto Sodden, e todo o Sodden passou a feudo dela! Se eu for apanhada a caçar uma corça nas suas florestas, serei enforcada por ordem dela... — Milva cuspiu. — O mundo é mesmo maldito! Merda, os meus olhos fecham-se...

— Só mais uma pergunta: alguma daquelas feiticeiras... ou, melhor, daqueles feiticeiros traidores... foi apanhado?

— Não. Mas dizem que uma das feiticeiras se suicidou logo depois de Vengerberg ser derrotada e o exército de Kaedwen entrar em Aedirn. Deve ter sido por aflição ou medo de ser torturada...

— No comando que escoltaste há cavalos livres. Será que os elfos me dariam um deles?

— Hummm, estás com pressa de partir — murmurou Milva, cobrindo-se com a manta. — E acho que sei para onde...

Ficou em silêncio, surpreendida com a expressão no rosto dele. Então, compreendeu que a notícia que trouxera não era boa e apercebeu-se de que não entendia nada, absolutamente nada. De repente, sentiu vontade de se sentar ao seu lado, fazer mil perguntas, ouvir, saber, talvez dar algum conselho... Esfregou bruscamente o punho fechado no canto do olho. *Sinto-me esgotada, pensou. A morte seguiu-me toda a noite. Preciso de respirar. Porque haveria de me envolver na sua aflição e nas suas preocupações? Quem é ele para mim? E essa miúda? Que os dois vão para o inferno! Merda, perdi o sono por causa disso tudo...*

O bruxo levantou-se.

— Será que me oferecem um cavalo?

— Pega naquele que quiseres — disse ela, ao fim de um momento. — E é melhor se passares longe dos olhos dos elfos. Fomos cercados e feridos antes de atravessar o Wstazka... Só não toques no cavalo preto. Ele é meu... Porque é que ainda estás aqui?

— Obrigado pela ajuda. Por tudo.

Milva não respondeu.

— Tenho uma dívida para contigo. Como posso pagá-la?

— Como? Saindo daqui! — gritou ela, apoiando-se nos cotovelos e puxando a manta com força. — Eu... eu preciso de dormir! Pega no cavalo... e vai para Nilfgaard, para o inferno, para o diabo que te carregue, para mim tanto faz! Vai-te embora! Deixa-me em paz!

— Vou pagar a minha dívida — disse o bruxo, em voz baixa. — Não vou esquecer-me. Talvez um dia precises de ajuda, de apoio, de um ombro amigo. Quando isso acontecer, grita, grita para a noite e eu virei.

A corça estava na ponta da encosta coberta de fetos e porosa de tantas fontes que desaguavam lá. Os seus olhos brilhavam voltados para o céu. Milva viu carraças enormes a enfiar-se na barriga cor de palha clara do animal.

— Vão ter de procurar outro sangue, bichos nojentos — murmurou, arregaçando as mangas e pegando na faca —, porque este já está a arrefecer.

Com um movimento ágil e seguro, cortou a pele da corça, desde o esterno até ao ânus, habilmente passando a faca ao lado dos genitais. Separou a camada de gordura com cuidado, sujando-se até à altura dos cotovelos. Cortou o esófago e retirou os órgãos internos. Abriu o estômago e a vesícula biliar à procura de bezoares. Não acreditava nas propriedades mágicas dos bezoares, mas não faltavam idiotas que acreditassem e pagassem bem por eles.

Levantou a corça e colocou-a por cima de um tronco próximo, com a barriga aberta virada para o solo, deixando o sangue escorrer. Limpou as mãos em folhas de feto e sentou-se ao lado da presa.

— Bruxo doido, possuído — sussurrou, olhando para a copa dos pinheiros de Brokilon suspensos uns cem pés acima da sua cabeça. — Partes para Nilfgaard para resgatar a tua miúda. Vais para o fim do mundo tomado pelo fogo e nem te lembras de levar comida. Sei que tens para quem viver, mas tens alguém para te sustentar?

Os pinheiros, logicamente, não comentaram nem interromperam o monólogo.

— Fico aqui a pensar — continuou Milva, retirando com a faca o sangue de debaixo das unhas — que não tens qualquer hipótese de resgatar essa tua miúda. Não conseguirás sequer chegar a Nilfgaard, nem ao Jaruga. Acho que não chegarás sequer a Sodden. E acho que estás destinado a morrer. Tens a morte inscrita nessa tua cara obstinada, nesses teus olhos medonhos. A

morte vai apanhar-te, bruxo doido, vai apanhar-te em pouco tempo. Mas, graças a esta corça, não será uma morte à fome. E isso já é um ponto positivo, pelo menos é o que acho.

Dijkstra suspirou discretamente ao ver o embaixador nilfgardiano entrar na sala de audiências. Shilard Fitz-Oesterlen, o enviado do imperador Emhyr var Emreis, tinha o costume de conversar na linguagem diplomática e adorava inserir nas frases bizarras linguísticas inteligíveis só aos diplomatas ou estudiosos. Dijkstra estudara na Academia de Oxenfurt e, apesar de não se ter formado, conhecia as bases da afetada gíria académica. Não gostava de a usar, pois, no fundo da alma, detestava a pompa e qualquer forma de comportamento cerimonioso pretensioso.

— Bem-vindo, excelência.

— Senhor conde. — Shilard Fitz-Oesterlen curvou-se de maneira cerimoniosa. — Por favor, perdoe-me. Talvez devesse dizer Vossa Alteza Sereníssima? Vossa Alteza Regente? Vossa Mercê Secretário de Estado? Pela honra, Vossa Excelência, os títulos estão a ser-lhe proferidos com tanta abundância que realmente não sei qual deles usar para não violar o protocolo.

— Seria preferível «Vossa Majestade» — respondeu Dijkstra humildemente. — Vossa excelência sabe bem que a corte faz um rei. Pois não seria de estranhar que, se eu gritar «Saltem!», a corte em Tretogor perguntará: «De que altura?»

O embaixador sabia que Dijkstra exagerava, mas não tanto. O príncipe Radovid era menor de idade, a rainha Hedwig encontrava-se deprimida por causa da trágica morte do marido, a aristocracia estava amedrontada, desnorteada, dividida em fações e disputas. Quem governava de facto Redânia era Dijkstra, que conseguiria obter qualquer título que quisesse. No entanto, Dijkstra não queria nenhum deles.

— Vossa alteza mandou chamar-me — disse o embaixador, após um momento —, mas sem o ministro das Relações Externas. A que devo associar essa honra?

— O ministro — Dijkstra ergueu os olhos para o teto de madeira — renunciou ao cargo devido ao seu estado de saúde.

O embaixador fez um gesto afirmativo com a cabeça. Sabia perfeitamente que o ministro das Relações Externas estava preso numa masmorra e, como era cobarde e idiota, sem dúvida confessara a Dijkstra tudo sobre o seu

conluio com os serviços secretos nilfgaardianos assim que vira as ferramentas de tortura, antes mesmo do interrogatório. Sabia que a rede organizada pelos agentes de Vattier de Rideaux, chefe dos serviços secretos imperiais, fora dissolvida e que quem puxava os cordelinhos era Dijkstra. Sabia também que esses cordelinhos levavam a ele próprio, mas estava protegido pela imunidade diplomática, e as suas responsabilidades forçavam-no a levar o jogo até ao fim, especialmente depois das estranhas instruções codificadas enviadas pouco antes à embaixada por Vattier e pelo legislador Stefan Skellen, o agente imperial para missões especiais.

— Já que o sucessor ainda não foi nomeado — continuou Dijkstra —, cabe a mim a ingrata tarefa de informar que sua excelência foi considerado *persona non grata* no Reino da Redânia.

O embaixador curvou-se.

— Sinto muito — disse — que as suspeitas que abalaram as relações diplomáticas entre os dois países tenham sido provocadas por assuntos não diretamente ligados nem ao Reino da Redânia, nem ao Império de Nilfgaard. O Império não tomou nenhum tipo de ação hostil contra a Redânia.

— Exceto o bloqueio dos nossos navios e das nossas mercadorias na foz do Jaruga e nas ilhas de Skellige. Exceto o fornecimento de armas e o apoio aos bandos de scoia'tael.

— São suposições.

— E a concentração do exército imperial em Verden e Cintra? E os ataques dos bandos armados em Sodden e Brugge? Vossa excelência, Sodden e Brugge são protetorados temerianos e nós temos uma aliança com Temeria, portanto, os ataques dirigidos contra Temeria atingem-nos diretamente. Restam ainda assuntos relacionados apenas com a Redânia: a rebelião na ilha de Thanedd e o atentado criminoso contra o rei Vizimir, assim como a questão da atuação do Império nesses acontecimentos.

— *Quod attinet ad* incidente na ilha de Thanedd — o embaixador fez um gesto de resignação —, não fui autorizado a expressar a minha opinião. Sua Majestade Imperial Emhyr var Emreis é alheio às dissensões dos vossos feiticeiros. Lamento que os nossos protestos contra a propaganda que sugere o contrário não sejam suficientemente eficazes, propaganda que, ousado observar, é apoiada pelo governo do Reino da Redânia.

— Os seus protestos surpreendem-nos e deixam-nos estarecidos — Dijkstra esboçou um leve sorriso —, pois o imperador não esconde o facto de a princesa de Cintra, sequestrada da ilha de Thanedd, estar na sua corte.

— Cirilla, *rainha* de Cintra — corrigiu de maneira enfática Shilard

Fitz-Oesterlen —, não foi sequestrada, uma vez que procurou asilo no Império, e isso não tem relação com o incidente em Thanedd.

— Não?

— O incidente em Thanedd — continuou o embaixador, com uma expressão fria, impassível — desgostou o imperador. Ele abominou sincera e profundamente o atentado traiçoeiro à vida do rei Vizimir, executado por um louco. No entanto, o que desperta maior abominação ainda é o boato deplorável que corre entre o povo que ousa procurar no Império os instigadores desse crime.

— Esperemos que, prendendo os instigadores — disse Dijkstra, acentuando as palavras —, se ponha fim ao boato. Prendê-los e levá-los à justiça é uma questão de tempo.

— *Justitia fundamentum regnorum* — admitiu Shilard Fitz-Oesterlen com seriedade. — *A crimen horribilis non potest non esse punibile*. Posso atestar que Sua Majestade Imperial deseja que seja assim.

— O imperador tem o poder de cumprir esse desejo — deixou escapar Dijkstra, cruzando os braços sobre o peito. — Uma das líderes da conspiração, Enid an Gleanna, até recentemente feiticeira Francesca Findabair, diverte-se como rainha do país fantoche dos elfos em Dol Blathanna. Tudo com o consentimento do imperador.

— Sua Majestade Imperial — o embaixador curvou-se rigidamente — não pode envolver-se nos assuntos de Dol Blathanna, um reino soberano, aceite por todas as potências vizinhas.

— Mas não pela Redânia. Para a Redânia, Dol Blathanna ainda faz parte do Reino de Aedirn. Embora, com os elfos e Kaedwen, tenham todos dividido Aedirn em pedaços, embora em Lyria não tenha ficado *lapis super lapidem*, é muito cedo para riscarem esses reinos do mapa. Muito cedo, excelência. Mas este não é o lugar nem a hora para discutir isso. Deixe Francesca Findabair reinar por enquanto; a hora da justiça chegará. E os outros rebeldes e organizadores do atentado ao rei Vizimir? O que fazer com Vilgeforz de Roggeveen, com Yennefer de Vengerberg? Há premissas para suspeitar que, depois do golpe de Estado mal-sucedido, os dois fugiram para Nilfgaard.

— Asseguro — o embaixador ergueu a cabeça — que não foi assim. E, se isso acontecesse, garanto que seriam punidos.

— Eles não cometeram nenhum delito contra vós, portanto não é sua responsabilidade puni-los. O imperador Emhyr manifestaria o verdadeiro desejo de justiça, que constitui *fundamentum regnorum*, entregando-nos os criminosos.